

NOTÍCIAS DIVERSAS



**suicídios por amor,
leituras contagiosas e
cultura popular em
São Paulo dos anos dez**

VALÉRIA GUIMARÃES

NOTÍCIAS DIVERSAS

**suicídios por amor,
leituras contagiosas e
cultura popular em
São Paulo dos anos dez**



**MERCADO[®]
LETRAS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, Valéria

Notícias diversas : suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez / Valéria Guimarães. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013. – (Coleção Histórias de Leitura)

ISBN 978-85-7591-249-2

1. Crônicas jornalísticas - 1910-1920 – São Paulo (SP) 2. Cultura popular
3. História social 4. Leitura 5. O Estado de S. Paulo (Jornal) 6. Suicídio I.
Título. II. Série.

13-08511

CDD-981.611

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Cultura : História social 981.611

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

imagem da capa: A Morfina e... um amor finado,
J. Carlos (*Revista A Cigarra*, Ano 2, n. 26, 18/02/1916)

imagem p. 3: Um caso de polícia [Série Senhorita],

Roberto Rodrigues (*Revista Para Todos*, 1927)

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

setembro/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Será preciso um dia fazer a análise
desses relatos de crime e mostrar
seu lugar no saber popular.*

Michel Foucault (1988 [1972])

Ao Marcelo

À Berta

Ao Nilo (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que me apoiaram na realização deste trabalho, expresso minha mais profunda gratidão.

Primeiramente gostaria de agradecer ao orientador da tese, o professor Nicolau Sevcenko, atento leitor ao qual apresento meu sincero reconhecimento. Devo minha formação acadêmica a ele que desde a época da graduação acompanha meu trabalho, sempre incentivando e confiando na minha capacidade, com respeito e amizade.

Da mesma forma, agradeço à banca formada para a defesa da tese, quando tive a sorte de contar com sugestões de intelectuais da mais alta estirpe: Marlyse Meyer, Lilia Schwarcz, Cremilda Medina e Esther Hamburger.

A começar pela querida professora Marlyse Meyer, desfiando toda sua erudição como se contasse um caso, nos divertindo e ensinando ao mesmo tempo. Depois da defesa ainda tive a oportunidade de ouvir seus conselhos generosos para a realização deste livro e, tão inspiradoras foram nossas conversas, que se desdobraram na continuação do trabalho em muitos outros textos.

Agradeço à leitura atenta e detalhada de Lilia Schwarcz, desde sempre inspiradora da pesquisa que deu origem à tese com seu trabalho sobre imprensa e racismo. Também pude contar com sua gentileza em dar-me conselhos pródigos após a defesa a fim de reestruturar a tese e transformá-la em livro.

A experiência da professora Cremilda Medina no campo da comunicação foi essencial para que fossem feitos ajustes no texto e as novas teorias apresentadas pela professora Esther Hamburger em seu curso de pós-graduação colocaram este trabalho em outro patamar. Foi após esta experiência, inclusive, que percebi a necessidade de me aprofundar no campo da teoria da comunicação, o que vai aparecer mais claramente nos trabalhos subsequentes.

Agradeço ainda a participação do professor Elias Thomé Saliba na banca de qualificação o qual, infelizmente, não pode participar da banca

de defesa da tese. Com ele tive contato mais sistemático com autores da história da leitura, em especial Roger Chartier. Não posso deixar de agradecer aqui a professora Jerusa Pires Ferreira que foi minha supervisora do pós-doutorado. Esta pesquisa mais recente me deu a oportunidade de inserir na revisão do texto da tese algumas modificações importantes.

Agradeço a todos meus amigos que de alguma forma me ajudaram das mais diversas maneiras: Patrícia Harich, Edna e Marcote Rodero, Anay dos Anjos, Regiani Loiacono, Lucilla Manetti, Luiz Takayama e Andreia Roseling, Cris Yamamoto, José Eduardo Pires de Camargo, Fátima Belo, Ana e Sandro Venturi, Cris Carletti e Nely Bacellar. Minha especial gratidão à minha mãe, Berta. Aqui está o resultado e estas pessoas também fizeram parte disso.

Agradeço igualmente aos funcionários dos arquivos e bibliotecas onde a pesquisa foi realizada, em especial à equipe da seção de periódicos do Arquivo do Estado de São Paulo que me assessorou desde os tempos da rua Antônia de Queiroz até a atual sede, sempre tentando tornar a pesquisa viável. Também manifesto minha gratidão aos funcionários do Fórum João Mendes que me concederam autorização para pesquisar as empoeiradas caixas dos processos da vara criminal do Arquivo Judiciário de São Paulo, à época localizado nas precárias instalações da Vila Leopoldina. Sem a compreensão da importância destes documentos para a pesquisa histórica este trabalho não teria sido completo.

Agradeço aos funcionários das seções de periódicos e de obras raras da Biblioteca Mário de Andrade, do Arquivo Edgard Leuenroth na Unicamp, das seções de periódicos e obras raras da Fundação Biblioteca Nacional, da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados do Estado de São Paulo (Seade), do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) na USP, bem como aos funcionários das bibliotecas Central da USP – Florestan Fernandes, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

Meus agradecimentos à Fapesp, pela bolsa que viabilizou esta pesquisa. Por fim, fica meu agradecimento especial a Marcelo Januário por me ajudar com a captação e tratamento das imagens mas, principalmente, por ter sido um grande companheiro durante a maior parte desta empreitada.

SUMÁRIO

Prefácio	
O SALTO DO COTIDIANO AO PRECÍPIO DO TEMPO	13
<i>Nicolau Sevcenko</i>	
CRIMES À MANEIRA DE ROMANCES.	19
Capítulo I	
NOTÍCIAS DIVERSAS E SUICÍDIOS POR AMOR.	35
<i>Os desesperados</i>	35
<i>Fait divers e história da imprensa</i>	50
<i>Leituras contagiosas</i>	61
<i>Casos rocambolescos</i>	70
<i>Imprensa e sociedade imaginada</i>	77
Capítulo II	
O PROJETO NACIONAL E	
OS MODELOS PARA O NOVO SÉCULO.	87
<i>Amor tresloucado</i>	88
<i>Suicídio e convicção</i>	100
<i>Cidade orgânica</i>	112
<i>Estatísticas e controle</i>	116
<i>Perturbadores da ordem</i>	153

Capítulo III

OS FAITS DIVERS DE SUICÍDIOS

POR AMOR E A LEITURA 169

Fait divers e literatura 169

Amor e morte 186

O ambiente literário do pré-guerra 199

Pérola aos galos. 203

Amor e sangue: tudo são fatos diversos 217

CONCLUSÃO 233

BIBLIOGRAFIA 239

O SALTO DO COTIDIANO AO PRECIPÍCIO DO TEMPO

*“Tudo! Meu amigo, tudo! Menos viver
como um perpétuo empilhado.”*

(Machado de Assis, em comentário
registrado por Araripe Jr. *Obra crítica*. Rio de Janeiro:
Casa de Rui Barbosa, 1966, vol. IV, p. 282)

*“...é sempre bom recordar que não se
devem tomar os outros por idiotas.”*

(Michel de Certeau, *A Invenção do
Cotidiano – artes de fazer*.
Petrópolis, Vozes, 2001, p. 272)

Meu convívio com a Valéria Guimarães surgiu nos cursos de graduação do Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo, na segunda metade dos anos 1980. Nos aproximamos sobretudo pela fascinação que ambos compartilhávamos pelos desdobramentos da atitude punk (1975-79) nos meios culturais, artísticos e – numa escala muito diminuta e pouco expressiva –, nos meios acadêmicos. O breve momento punk teve seu espasmo de revolta, crítica e criatividade *quando* o Brasil vivia o momento mais brutal e entevado da ditadura militar, tendo por isso pouca repercussão imediata no país. Mas, na metade final dos anos oitenta, quando a evocação do décimo aniversário daquele motim cultural reacendeu os debates sobre o seu legado, vivíamos o início da redemocratização, a atmosfera irradiava euforia, otimismo e grandes esperanças, na escala utópica instilada pelo longo pesadelo ditatorial.

Durou muito pouco. Antes que o calor da festa da “anistia, ampla, geral e irrestrita” e das “diretas já” pudesse esfriar, ficava claro que as mesmas forças conservadoras, retrógradas e obscurantistas que haviam apoiado o regime militar voltavam a dominar a cena, sob novas vestes, novos nomes e novas máscaras, travestidos agora de aliados dos grupos que haviam galvanizado a oposição. Muitos fizeram vistas grossas e aceitaram jogar esse novo jogo com cartas surradas. Outros, muito poucos é verdade, aflitos entre a perplexidade e a indignação, preferiram a agonia do repúdio, da exclusão e da revolta. Daí a atração pela radicalidade da atitude punk.

Já nos seus primeiros trabalhos a Valéria manifestou uma curiosidade rica de argúcia crítica sobre os temas relativos à cultura popular. Fomos ambos, primeiro eu, depois ela, alunos de duas das maiores mestras nessa área, as professoras Marlyse Meyer e Jerusa Pires Ferreira. Esse era um campo de estudos que foi reconfigurado nos anos 1970-80, pela convergência de pesquisas de ponta em três outras áreas pioneiras, a antropologia cultural (Perry, Havelock, Ong, Zumthor), a história da cultura (Benjamin, Bakhtin, Rougemont, Certeau, Foucault, Chartier, Ginzburg) e a teoria das comunicações (Neurath, Wittgenstein, McLiness, McLuhan, Eco, Flusser).

O resultado desse intercurso prodigioso foi, por um lado, a dissolução de fronteiras disciplinares no trato com o imaginário popular e, por outro, a corrosão de qualquer noção imperativa de progresso, evolução, desenvolvimento implícita na valoração com que as ciências humanas têm operado com os conceitos-chave de racionalidade, modernidade ou processo civilizatório. O que essas novas pesquisas em cultura popular focalizam são justamente os elementos recalcitrantes, refratários, contingentes e transientes, típicos da oralidade e do simbolismo mítico-poético das tradições cantadas e dançadas pelos povos que permaneceram alheios aos imperativos normatizantes introduzidos pela cultura escrita.

Foram fagulhas dessa disposição errática, sensual e intempestiva que saltaram inicialmente da cena punk e incendiaram a imaginação da Valéria. Para o benefício das ciências humanas e para a iluminação de todos nós.

* * *

O que há de mais recalcitrante que o suicídio? O que há de mais normativo que os *faits divers*? O suicida recusa qualquer tentativa de gestão da sua autonomia. As “notícias diversas” organizam toda e qualquer experiência caótica, reduzindo-a e enquadrando-a dentro de formas convencionais de narrativa, sejam elas literárias, moralizantes, “científicas” (evolucionismo, darwinismo-social, malthusianismo, eugenia) ou médico-jurídicas. Nesse estudo, em vários sentidos original e inspirador, das notícias sobre suicídios na São Paulo da Belle Époque, Valéria Guimarães sintetiza as melhores lições dos estudos inovadores sobre a cultura popular, aplicando-as ao mesmo tempo a uma experiência crucial de formação da sociedade urbana, articulada na escala das grandes metrópoles do século 20.

O crescimento acelerado dessas cidades-capital (em mais de um sentido), ocorre pela absorção de grandes contingentes de populações de origem rural, predominantemente analfabetas, que iriam constituir o seu mercado de trabalho. Sentindo-se ameaçados de perder seu controle tutelar tradicional pela invasão tumultuária dessas multidões irrequietas, os grupos dominantes encontrariam nos *faits divers*, a seção dos jornais encarregada de cobrir o cotidiano das classes populares, um dos recursos simbólicos mais eficazes de enquadramento, estigmatização e neutralização normativa dos grupos e dos comportamentos “perigosos e indesejáveis”.

Mas mais do que apenas esse efeito disciplinador – e aqui em particular se concentra a argúcia da análise crítica da pesquisa – o que a difusão dos *faits divers* desencadeia pelas fronteiras movediças entre a escrita e a oralidade, entre a cultura dominante e a popular, entre a dinâmica das novas tecnologias e a entropia das crenças e hábitos refratários, é um conjunto imprevisível e incontrolável de processos de contágio, de circularidade e de “leituras” alternativas, capazes de virar do avesso tanto as intenções normativas quanto as pretensões de gestão autoritária dos imaginários coletivos. Nesse sentido, o capítulo final e, em particular, a análise percuciente do cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues, de seu irmão, o gravurista Roberto Rodrigues, mas sobretudo da obra tão decisiva quanto subestimada do escritor-jornalista Ant3nio de Alc3ntara Machado, s3o exemplares.

* * *

Num outro momento sublime do livro, já no seu movimento conclusivo, a Valéria nos revela Sérgio Porto, o popular Stanislaw Ponte Preta, prestando a devida homenagem ao mestre Manuel Bandeira, ambos igualmente escritores-poetas-jornalistas-cronistas-leitores de jornais. O tributo vem no bojo de um conto, chamado, não por acaso, “*Notícia de Jornal*”. Diz o hilário autor do *Febeapá, o Festival de Besteiras que Assola o País* (Rio de Janeiro, Editora Sabiá, 1968):

Quem descobriu, perdida no noticiário policial de um matutino, a intensa poesia contida no bilhete do suicida? Creio que foi Manuel Bandeira (...). Ele é que tem o dom da poesia mais forte. (...) Leu a notícia em meio às notas policiais do matutino e notou logo o que podem as palavras. O homem humilde, que fora a vida inteira um espectador da poesia das coisas, no último instante, sem a menor intenção, se faz poeta também.

A Valéria não cita o poema de Manuel Bandeira a que se refere Sérgio Porto. Na minha liberdade de prefaciador, não resisto à tentação de reproduzi-lo. Porque ele é curto, porque ele é alumbrado (a fonte mítico-afetiva do lirismo de Bandeira) e porque ele é um perfeito epítome desta pesquisa.

Poema Tirado de Uma Notícia de Jornal

*João Gostoso era carregador de feira-livre e morava
no morro da Babilônia num barracão
sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e
morreu afogado.*

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*, 1925)

Como se vê, o poeta inverte completamente o sentido normativo do *fait divers*. João Gostoso era de fato um pobretão e vivia num barraco de favela, conforme o jogo de estigmas convencional no noticiário sobre as classes populares. Mas nem por isso se enquadra em qualquer das fórmulas narrativas que assinalavam o efeito redutivo, pedagógico e moralizante próprio do gênero. Ele não era nem “desesperado”, nem “louco”, nem tinha “predisposições para o crime”, nem estava sob a influência de “leituras contagiosas”. O que ele perpetrou foi um ritual dionisíaco, levado até o clímax do sacrifício redentor, que o unia e igualava ao deus.

Assim Bandeira resgatava aquele homem simples da “notícia diversa” que vilipendiava sua vida e sua morte, elevando-o à dignidade sagrada da tragédia (a própria *tragoedia* dionisíaca). Tratava-se, sem dúvida, de um efeito literário. Mas não o da literatura institucional das correntes dominantes. Era um lirismo que se reconectava com as tradições mítico-poéticas milenares das festas da saturação sensual e do êxtase purgador e libertador, típicas da oralidade e da cultura popular. Assim como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, Bandeira sabia ler os jornais pelo avesso. Mas seriam só eles? Com a palavra, Valéria Guimarães.

Nicolau Sevcenko

Professor de História da Cultura

Departamento de História, FFLCH da Universidade de São Paulo

Faculdade de Artes e Ciências, Universidade Harvard